



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

PPPG credenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

*COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*

**XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS  
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020**

**PERFIL DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA ATENDIDAS NUMA  
EMERGÊNCIA PÚBLICA DE FEIRA DE SANTANA – BAHIA**

**Fernanda Caetano dos Santos Silva<sup>1</sup>; Ariane Cedraz Morais<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nanda.caetano.enf@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana Mestre em Enfermagem, Professora Assistente B da UEFS, enfarianecedraz@hotmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde da Mulher; Violência contra mulher; Gênero.

**INTRODUÇÃO**

A violência contra a mulher atinge, no Brasil, todas as classes e segmentos sociais, operando numa base de discriminação e abuso sobre as diferenças, quais sejam de gênero, de classe social, de raça, econômica e geracional, sujeitando as mulheres à situações como fome, tortura, humilhação e mutilação. Em grande maioria estes abusos são perpetrados dentro do próprio espaço doméstico, onde a vítima quase sempre é violentada por pessoas do seu convívio, ou alguém conhecido, como companheiros, padrastos, namorados, vizinhos, entre outros.

Esse presente trabalho, portanto, tem como justificativa realizar um levantamento de casos de mulheres violentadas atendidas num serviço de urgência e emergência de Feira de Santana- Bahia, ressaltando a importância e destaque das ações desempenhadas por este hospital, sendo referência na saúde pública do município (Sistema Único de Saúde) além de integrar a Rede de Atenção à Mulher Vítima de Violência, prestando atendimentos às mulheres vítimas de violências.

Além disso, este estudo tem o intuito de despertar os profissionais de saúde para a problemática da violência contra mulher, muitas vezes despercebidas, e incentivar a prática de uma atuação que contemple e contabilize a violência nos diagnósticos realizados, aprimorando, assim, a eficácia das ações de saúde, além de assegurar que estas mulheres, vítimas, não sejam re-vitimizadas por estes serviços; ainda colaborar com a formação dos

estudantes de graduação em saúde desta universidade ao compreender a atuação da Rede de Atenção às pessoas vítimas de violência, protocolos e acolhimentos específicos.

Apresentando como objetivo principal: Avaliar o perfil de mulheres em vivências de violências atendidas em uma emergência pública de Feira de Santana - Bahia entre os anos 2017-2019. De forma específica esta pesquisa buscou caracterizar as mulheres vítimas de violências, segundo características sócio-demográficas, como também caracterizar a violência e o agressor segundo sexo, idade, vínculo ou grau de parentesco com a vítima e consumo ou não de álcool.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo, quantitativo, realizado através de coleta de dados obtidos através da Ficha de Notificação Individual de Violência Interpessoal ou Autoprovocada (Sistema de Informação de Agravos e Notificação – SINAN) arquivadas no Serviço de Vigilância Epidemiológica do Hospital Geral Clériston Andrade (HGCA) em Feira de Santana- Bahia, referentes aos atendimentos realizados às mulheres vítimas de violências entre os anos de 2017 a 2018. Não houve cálculo amostral, vez que todos os casos ocorridos neste intervalo de tempo serão incluídos no estudo em questão.

Todas as informações serão transcritas das Fichas de Notificação para o formulário de investigação, serão codificadas e, posteriormente, digitadas em banco de dados e processadas no Programa Estatístico *Statistical Package For The Social Science* (SPSS) *for Windows* na versão 19.0. Para controle de qualidade dos dados digitados, processar-se-á a revisão periódica dos dados, corrigindo possíveis erros.

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Na totalidade foram registrados 277 casos durante o período selecionado, sendo excluídas fichas duplicadas. Destes 100% foram provenientes do próprio município de Feira de Santana, apresentando como entrada direta a emergência do HGCA, sem registros que as vítimas tenham sido encaminhadas ou assistidas por algum outro setor de saúde.

Para uma análise qualificada do fenômeno complexo da violência e com a finalidade de compreender seus determinantes, que vulnerabilizam mulheres a serem

vítimas, devemos levar em consideração aspectos sociodemográficos como mostra na tabela 1.

Tabela 1. Características sociodemográficas de mulheres atendidas em uma emergência pública de Feira de Santana, Bahia, nos anos de 2017-2018

CARACTERÍSTICAS	N	%
<b>Idade</b>		
1 ate 10 anos	3	1,2%
11 a 20 anos	52	20,2%
21 a 30 anos	78	30,2%
31 a 40 anos	74	28,7%
41 a 50 anos	34	13,2%
+ 50 anos	17	6,6%
<b>Raça/Cor</b>		
Branca	12	4,8%
Preta	27	10,9%
Amarela	8	3,2%
Parda	200	80,6%
Indígena	1	0,4%
<b>Ocupação</b>		
Do lar/dona de caixa	9	15,3%
Empregada doméstica	5	8,5%
Desempregada	6	10,2%
Ambulante	2	3,4%
Estudante	13	22%
Vendedora/caixa	6	10,2%
Outras	16	27,1%
Aposentada	2	3,4%

A motivação da agressão em sua maioria foi desconhecida, tenho como principais causas o sexismo (essa ideia fortalece o poder masculino sobre a mulher, a mulher é parcialmente capaz, tendo como o protagonista no domínio de sua vida o marido) seguido do conflito geracional.

As principais formas de violência relada foram a física (247 casos), psicológica/moral (43 casos), sexual (35casos), colaborando com Silva *et al.* (2017) que constatou em sua pesquisa física (31.432), seguida da psicológica (19.182), moral (4.627), sexual (3.064) e patrimonial (1.382). A violência contra mulher não se restringe apenas a agressões físicas, mas também a qualquer dano psicológico, moral, patrimonial e sexual, que se manifestem em diversas formas como, mutilações, tortura, privação de liberdade,

abuso emocional, estupro, opressão (BANDEIRA, 2014; MYNAYO, 2006), como mostra na tabela 02, a seguir.

O número de envolvidos foi subestimado, considerando que 157 dos casos apresentaram este campo ignorado, enquanto 107 das vítimas declararam ter um agressor, enquanto 11 destas mulheres apresentaram dois ou mais agressores. Na maioria dos casos as vítimas são violentadas no seu domicílio por seu namorado, cônjuge, ou ex-cônjuge, homens com vínculo parentesco (BANDEIRA, 2014). É alarmante que as fichas não sejam preenchidas de forma adequada, inibindo a dimensão real deste agravo e seus determinantes, como demonstra na tabela abaixo.

Tabela 2. Características da violência contra mulheres atendidas em uma emergência pública de Feira de Santana, Bahia, nos anos de 2017-2018

	N DE CASOS
<b>MOTIVAÇÃO DA LESÃO</b>	
Sexismo	13
Homofobia	1
Conflito geracional	11
Situação de rua	9
Desconhecida	59
<b>TIPO DE VIOLÊNCIA</b>	
Física	247
Psicológica/moral	43
Tortura	19
Financeira/econômica	2
Sexual	35
Negligência/abandono	1
Intervenção legal	1
Outros	18

Das mulheres vítimas de violência 10,9% já foram vitimizadas outras vezes, sendo 21,8% negaram a recorrências destes episódios, 67,3% destes dados foram ignorados. Em corroboração com Carnevalle *et al.* (2019); Deslandes (1999); Lucena (2016) a maioria dos casos a violência se repete com igual ou maior intensidade, pois as vítimas apresentam uma dificuldade para sair do ciclo da violência.

Dentre as vítimas de violência 15,9% foram autoprovocada, convergindo com diversos pesquisadores que avaliam as repercussões das violências nas mulheres, as quais se constituem como uma série de agravos físicos, dentre elas há repercussões psicológicas

como depressão, pensamentos suicidas, suicídio, insônia, tristeza profunda, baixa autoestima, medo, ansiedade, e repercussões sociais como isolamento, falta de interação social, introspecção (CARNEIRO *et al.*, 2017; SANTOS; MORÉ, 2011).

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa contribui para despertar os profissionais de saúde para a problemática da violência contra mulher, muitas vezes despercebidas, e incentivar a prática de uma atuação que contemple e contabilize a violência nos diagnósticos realizados, aprimorando, assim, a eficácia das ações de saúde, além de assegurar que estas mulheres, vítimas, não sejam re-vitimizadas por estes serviços; ainda colaborar com a formação dos estudantes de graduação em saúde desta universidade ao compreender a atuação da Rede de Atenção às pessoas vítimas de violência, protocolos e acolhimentos específicos.

Para além disso, destacar um dos limites apresentados por esse estudo que foi a qualidade do preenchimento das informações, quando trata-se de sistema de informação de saúde, o que acaba por comprometer uma melhor avaliação dos indicadores e uma intervenção de maior resolutividade, estabelecendo medidas de enfrentamento mais eficaz frente à violência, principalmente, a violência de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, São Paulo, v. 29, n. 22, p. 449-469, 2014. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/tablas/r34812.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2020.
- CARNEVALLE, C. V. *et al.* Notificações de violências contra a mulher adulta no Estado de São Paulo em 2014. **Bol. epidemiol. paul.**, São Paulo, v. 16, n. 181, p. 3-17, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1023187/151813-17.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- DESLANDES, S. F. O atendimento às vítimas de violência na emergência: “prevenção numa hora dessas?” **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, p. 81-94, 1999. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/1999.v4n1/81-94/>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- LUCENA, K. D. T. de *et al.* Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. **J Hum Growth Dev.**, São Paulo, 26, n. 2, p. 1-8, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/119238>. Acesso em: 21 ago. 2020
- MINAYO, M. C. de S. Parte II- Violência e Saúde Pública: Quadro interpretativo da violência sob a ótica do setor saúde. In: **Violência e Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SANTOS, A. C. W; MOREÉ, C. L. O. O. Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. **Paidéia**, Florianópolis, v. 21, n. 49, p. 227-235, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/10.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, G. M.; LEAO, L. T. de S. O paradoxo da mistura: identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 117-133, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092012000300007&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092012000300007&script=sci_arttext). Acesso em: 20 jul. 2020.